

**Cidade e Memória:** o cemitério São Sebastião e a construção da memória sobre a santificação do cangaceiro Jararaca em Mossoró (1970-2010).

MARCÍLIO LIMA FALCÃO\*

O cemitério é um lugar de encontro que instiga a lembrança dos mortos e preenche o vazio que os separam dos vivos. Aí, passado e presente se enlaça por meio de símbolos que dão visibilidade aos que partiram, mesmo que a morte nos remeta “para o não ser, é na memória dos vivos, enquanto imagens suscitadas a partir de traços com referente, que os mortos poderão ter existência (mnésica)” (CATROGA, 1999:14). Assim, entre os símbolos existentes nesse espaço, o túmulo é um referencial para o trabalho de lembrar.

A lembrança encontra no túmulo a marcação do ausente e a articulação desse espaço com os outros signos faz do cemitério um lugar propício à memória. A visitação é um momento permeado por um minucioso ritual, iniciado com a decisão de ir ao cemitério, pela demarcação do lugar que se encontram os entes queridos e da sensação de contato com estes, mostra que a função do símbolo funerário é a de ser “metáfora do corpo, trabalho imaginário exigido pela recusa da morte e pela conseqüente objetivação dos desejos compensadores de sobrevivência nascidos do facto de a condição humana exigir ontologicamente a assunção de um desejo de eternidade”. (CATROGA, 1999:15).

Diante das preocupações com os mortos e com a morte, tão marcantes no Brasil no século XIX, a construção de cemitérios ganhou importância e em determinados lugares gerou conflito<sup>1</sup>. Em Mossoró, a tentativa inicial de construção de um cemitério aconteceu em 1863 com a marcação feita pelo capuchinho Frei Agostinho, no entanto

---

\* Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

<sup>1</sup> Um exemplo de conflitos gerados pela construção de cemitérios públicos ocorreu em Salvador, em 1836, a Cemiterada, “esse extraordinário acontecimento teve lugar na Bahia do século passado: uma revolta contra um cemitério. O episódio, que ficou conhecido como Cemiterada, ocorreu em 25 de outubro de 1836. No dia seguinte entraria em vigor uma lei proibindo o tradicional costume de enterros nas igrejas e concedendo a uma companhia privada o monopólio dos enterros em Salvador por trinta anos. A Cemiterada começou como uma manifestação de protesto convocada pelas irmandades e ordens terceiras de Salvador, organizações católicas leigas que, entre outras funções, cuidavam dos funerais de seus membros.” (REIS, 1991:13).

devido a problemas de localização, o Padre Antônio Joaquim Rodrigues<sup>2</sup> construiu em “1869 um cemitério de madeira, mais acima daquele lugar, em terreno elevado, plano e muito enxuto”(SOUZA, 1995:19). Segundo Francisco Fausto de Souza<sup>3</sup>, em 1873 o Padre Antônio Rodrigues fez uma petição à Câmara Municipal de Mossoró, cujo propósito era a construção de um cemitério mais estruturado.

*Ilmos. Srs. Presidente e mais Vereadores da Câmara Municipal desta cidade de Mossoró – O Padre Antônio Joaquim Rodrigues, Parocho colado desta Freguesia de Mossoró, desejando aproveitar os serviços do Ilmo. E Revmo. Sr. Frei Fidélis, Missionário Apostólico Capuxinho, relevantes como costumam ser, para edificar um cemitério de pedra e cal, obra de que tanto se recente esta Freguesia, para servir de jazigo aos restos mortais das pessoas católicas, e de qualquer crenças religiosas, mediante o concurso de seus parochianos, que estão dispostos a prestar seus serviços para a mencionada obra, com o intento de ser propriedade de Irmandade de Nossa Senhora Padroeira, a Senhora Santa Luzia, enquanto não houver uma outra irmandade especial do Santo a quem for dedicado o mesmo Cemitério, a quem afinal virá a pertencer o cemitério, vem portanto pedir a VV. Ssa., se dignem conceder licença, para que no sentido indicado se possa levar a efeito dita obra: pelo que pede a V.SS. Ilmos. Srs. Vereadores da Câmara Municipal de Mossoró se sirvam a conceder a licença pedida. E.R. Mce. Cidade de Mossoró, 17 de agosto de 1872 – Antônio Joaquim Rodrigues, Parocho Colado de Mossoró. (SOUZA, 2010:18).*

O interesse em construir um cemitério para a recém-criada paróquia de Santa Luzia ou que fosse administrado por alguma irmandade envolvida aos trabalhos fúnebres que por ventura se instalasse na cidade demonstra a preocupação da Igreja em

---

<sup>2</sup> Filho do português Antônio Joaquim Rodrigues e de Vicência Ferreira da Mota, natural de Apodi, Antonio Joaquim Rodrigues nasceu em Aracati em 05 de novembro de 1820 e se transferiu para Apodi em 1824 por conta do movimento de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe. Segundo Francisco Fausto de Souza, em 1840 seguiu Antônio Joaquim Rodrigues para o Seminário de Olinda, onde ordenou-se Presbytero em 1843. Em 1842, em virtude da Lei Provincial nº. 87 de 27 de outubro, a capella de Santa Luzia de Mossoró, filial da do Apody, foi declarada Freguesia independente, e posta em concurso, o Padre Antônio Joaquim, que ainda era diácono, submettendo-se a dito concurso, foi aprovado e promovido a Parocho collado da nova Freguesia da qual só tomou posse em 1844. (SOUZA, 1995:116). Em 1848 o Padre Antônio Joaquim Rodrigues fundou juntamente com o “capm. João Batista de Souza e outros proprietários e fazendeiros do Município”, o Partido Conservador em Mossoró e durante sete legislaturas (de 1854 a 1873) participou nos trabalhos da Assembléia Provincial.

<sup>3</sup> Francisco Fausto de Souza nasceu em Mossoró em 19 de maio de 1861 e faleceu em 14 de janeiro de 1931. Político influente na cidade de Areia Branca foi um pesquisador voltado ao entendimento da sociedade mossoroense no que diz respeito à fundação da cidade e sobre a vida de algumas autoridades locais, como Padre Antônio Joaquim Rodrigues (1844-1894) e Padre Francisco Longino Guilherme de Melo (1802-1878). Segundo Geraldo Maia, Francisco Fausto de Sousa “foi o pesquisador do passado da terra e da gente mossoroense, caçador de arquivos, infatigável copiadador de papéis velhos que comunicaram aos presentes graças a sua intervenção humilde e contínua, nas palavras do Grande Câmara Cascudo. (SOUZA, 2010:11).

controlar o espaço destinado aos mortos. Não é de se estranhar que a construção do cemitério de Mossoró tenha partido de um membro da Igreja e que nessas circunstâncias não tenha ocorrido qualquer movimento contrário à construção do referido cemitério, uma vez que a não existência das irmandades ligadas a finitude, bem como a participação do pároco na vida política local tenham contribuído para justificar a importância do cemitério para a cidade.

Mossoró, nas últimas décadas do século XIX, começava a despontar como importante praça comercial e atraía comerciantes de todo oeste da Província do Rio Grande do Norte e da Província do Ceará, principalmente de Aracati. Mas esse crescimento comercial e urbano necessitava de transformações na estrutura urbana da cidade que aliado aos discursos de higienização da época<sup>4</sup>, contribuía desde o início da década de 1870 para disciplinar o comércio local e reforçar a construção de obras que melhorasse a vida da cidade, entre elas um lugar para os mortos.

Nesse século, as questões relacionadas ao destino e ao culto aos mortos, passam a ter conotações distintas, a ponto de o cemitério ser visto como o “lugar de asilo dos mortos” (ARIÈS, 2003:42), e por outro lado, o culto moderno dos mortos ser tido como um “culto da lembrança ligado ao corpo, à aparência corporal” (ARIÈS, 2003:216-17). Dessa forma, os cemitérios ganham o status de lugar específico para guardar o corpo do morto e para a prática do culto aos mortos. Com a seca de 1877-1879, a cidade foi o destino de milhares de retirantes das Províncias do Rio Grande do Norte e da Paraíba. A fome e a miséria provocada por essa grande estiagem minaram a vida de milhares de pessoas, cujo destino final era o cemitério São Sebastião<sup>5</sup>, fato que levou a ampliação do cemitério.

---

<sup>4</sup> A Câmara Municipal de Mossoró, sob a presidência do senhor Souza Nogueira, buscando zelar pela salubridade pública resolveu “mandar retirar da frente do comércio público desta cidade um avultado numero de casas, cabanas e mapalhas, feitas em colunas de paus e cobertas de esteiras que por uma abulava prática os retirantes e alguns da cidade tinham plantado naqueles pastos com o fim de ali comprarem e venderem, servindo aquilo não só de impaxamento e obstrução donde pode nascer miasmas e outros males endêmicos do País, como também serve de um deslustre e decoração à cidade”. (OLIVEIRA; NETO, 2000:20.)

<sup>5</sup> Para se ter uma idéia dos impactos dessa seca em Mossoró, em outubro de 1879 o Presidente da Província do Rio Grande do Norte, Dr. Rodrigo Lobato Marcondes Machado comenta que “Mossoró foi nesta província teatro das mais tristes cenas da miséria. A nudez, a fome, as epidemias ceifaram grande numero de vidas, e iam abrindo espaço aos recém-chegados. De janeiro de 1878 até agora foram sepultados no cemitério público d’aquella cidade, conforme a relação de óbitos organizada pelo respectivo e muito digno Vigário, quase 31 mil pessoas podendo, sem perigo de erro, calcular-se em 5 mil o numero dos que foram enterrados fora do cemitério. Pela impossibilidade de transportar-se os cadáveres dos quais morriam nos barracamentos situados a alguma distância da cidade”. (RIO

No Relatório de 1º de maio de 1880, o Presidente da Província do Rio Grande do Norte, Dr. Rodrigo Lobato Marcondes Machado cita que:

*Uma das causas que actuaram poderosamente para o péssimo estado sanitário de Mossoró foi o abandono dos cadáveres de milhares de victimas à flor da terra, quase insepultos. Não havia senão um pequeno cemitério feito para as necessidades ordinárias do lugar, e o enterramento já se fazia fora dos muros. O Sr. Dr. Manoel Hemeterio Rapôzo de Mello e o seu distinto companheiro de comissão Joaquim Bezerra da Costa Mendes começaram, logo em abril do ano passado, a construção de um grande cemitério, abrangendo, não só o terreno ocupado, como o necessário para não faltar em caso nenhum espaço às sepulturas que a morte fosse exigindo. Essa grande obra, com uma bonita capella logo na entrada, foi concluída dentro de pouco tempo, e determinou principalmente aquella rápida redução do obituario, de que já fallei a V. Exc.<sup>6</sup>*

O cotidiano da cidade foi modificado pela grande quantidade de mortos promovida pela calamidade, mas o que intensifica a fala do presidente provincial é a necessidade de ampliar o espaço cemiterial tendo em vista o problema de saúde pública motivado pelos enterramentos fora do cemitério. Como o próprio texto deixa a entender era uma obra que deveria ser rápida, grandiosa e que começava com uma capela, mas o objetivo era manter o nível de saúde pública (percebe-se que o presidente provincial tem o cemitério como um espaço de manutenção da higienização da cidade) e acabar com os sepultamentos fora do cemitério.

Como um espaço da cidade, o cemitério São Sebastião permite visualizar as fronteiras espaciais do que foi o cemitério no século XIX e suas transformações ao longo do século XX<sup>7</sup>. Margeando seus muros, encontram-se os túmulos da elite local do

---

GRANDE DO NORTE. Falla com que o Exm. Sr. Doutor Rodrigo Lobato Marcondes Machado, Presidente da Província, abriu a 2ª Sessão da Assembléa Provincial do Rio Grande do Norte, em 27 de outubro de 1879. Pernambuco: Typografia do Correio do Natal, 1880.p.8-9).

<sup>6</sup> RIO GRANDE DO NORTE. Falla com que o Exm. Sr. Doutor Rodrigo Lobato Marcondes Machado, Presidente da Província, abriu a 2ª Sessão da Assembléa Provincial do Rio Grande do Norte, em 27 de outubro de 1879. Pernambuco: Typografia do Correio do Natal, 1880.p.13-14).

<sup>7</sup> No que se refere às transformações no espaço cemiterial, principalmente em relação à morfologia tumular, Antônio Motta afirma que “nos primeiros decênios do século XX inicia-se uma significativa mudança nos hábitos de enterramento e, com ela, novas formas de morfologia tumular irão gradativamente marcar os espaços cemiteriais, refletindo-se também no plano das representações e das atitudes que os vivos passam a dedicar aos seus mortos. É dessa época o gosto pelo túmulo individualizado, construído especialmente para abrigar um único indivíduo, com o intento de evocar traços reveladores da pessoa do morto, traduzido como expressão de afeto particularizado” (MOTTA, 2009:75).

século XIX e início do século XX, estes margeiam as laterais do cemitério como se abraçassem todos que ali se encontram.

São construções imponentes que demonstram o poder econômico das famílias locais e suas posturas e preocupações diante da morte. Em seus corredores erguem-se construções fúnebres que unem famílias inteiras<sup>8</sup> e cujo valor simbólico faz do cemitério um espaço onde a memória<sup>9</sup> e a história da sociedade mossoroense aparecem na produção de identidades e nas múltiplas fontes que este espaço apresenta sobre os fragmentos do passado.

Permeando a produção dessas memórias, encontram-se narrativas que atraem a curiosidade de muitos que circulam em suas alas durante o dia de finados. Entre essas narrativas, a do cangaceiro Jararaca é a mais conhecida. Membro do bando de Lampião, Jararaca malogrou com o ataque de 13 de junho de 1927. Escrevendo no *Jornal Meeting*<sup>10</sup>, em 1953, o jornalista Dorian Jorge Freire comenta que

*Jararaca morreu no dia 19 de junho de 1927. Sobre seu fim paira ainda um insondável mistério. Afirmam alguns que o bandido foi assassinado. Outros dizem que foi morto quando procurava fugir. (...) Tive informações, no entanto, de que, quando soube que iria ser transportado para Natal, o cangaceiro teria dito saber que iam matá-lo, mas que veriam que um cabra de Lampeão morria sem dar um gemido. Diz a tradição, porém que Jararaca foi levado da cadeia ao cemitério onde obrigaram-no a abrir uma cova, cortaram-no a facadas, estriparam seus órgãos mais íntimos e jogaram-no na cova, ainda vivo. Há quem afirme, ainda, que ele foi conduzido para o cemitério e ali morto a coices de baioneta, não sendo verdadeiras as versões de que teria sido levado para Natal, morto a facadas, teria aberto sua cova e nela sido jogado ainda com vida. Sabemos, porém que a notícia da morte de Jararaca em Moçoró dificilmente pode*

---

<sup>8</sup> Segundo Henrique Sergio de Araújo Batista, “o cemitério torna-se também um lugar de reunião da família. Se em vida não houve reunião, a morte apaga os percalços e a família torna a ser uma” (BATISTA, 2001:20).

<sup>9</sup> Pensando nas questões que envolvem memória e história, David Lowenthal afirma que “a história difere da memória não apenas no modo como o conhecimento do passado é adquirido e corroborado, mas também no modo como é transmitido, preservado e alterado. Aceitamos a memória como uma premissa do conhecimento; inferimos a história a partir de evidências que incluem as lembranças de outrem. Ao contrário da memória, a história não é dada, mas sim contingente: é baseada em fontes empíricas que podemos decidir rejeitar por outras versões do passado.” (LOWENTHAL, 1998:107-08).

<sup>10</sup> O *Meeting* era um “mensário independente em prol da cultura de Mossoró” (**MEETING**, n° 1. julho de 1953.p. 03). Entre seus diretores podemos citar Dorian Jorge Freire, Jaime Hipólito Dantas e José de Aragão Mendes e entre os colaboradores gente como Luis da Câmara Cascudo, Murilo Mendes e Aluisio Alves. O preço avulso da revista era de Cr\$ 5,00 e a assinatura anual C\$50,00. Essa revista contava com correspondentes do Rio de Janeiro (Clara Pellegrino), São Paulo (Fernando Santiago), Salvador (Rosângela Moreno), Natal (João Batista Pinto) e Zona Oeste Potiguar (Raimundo Benjamin e Isaac Myro Faheina). Quanto ao seu conteúdo, estava voltada a publicação de contos, comentários sobre romances, cinema, indicativos de leitura, poesias, notícias locais e questões sociais locais e artigos sobre a cidade de Mossoró.

*ser acreditada. O próprio chefe de polícia de Pernambuco descrevia que tivessem prendido Jararaca, “homem que não se deixa prender”. O fato é que ele não somente foi preso como também morto ou assassinado aqui. Há mesmo uma lenda que diz haver no cemitério local, ao lado da sepultura do criminoso, uma árvore que geme nas noites de chuva e chora toda vez que alguém se lhe toca. (FREIRE, 1991:19-20)*

A morte de Jararaca deu muito que falar na imprensa mossoroense. Olhando para essa nota de Dorian Jorge Freire no Meeting, com o título “A verdade sobre a entrada de Lampeão em Moçoró”, ao citar a história de Jararaca, a palavra mistério explicita o quanto a história de Jararaca continua no imaginário da cidade. Após 26 anos, a imprensa ainda utilizava as incógnitas sobre a morte de Jararaca em suas páginas e o mistério sobre as condições em que teria ocorrido a morte de Jararaca continuava sendo citado na imprensa. No entanto, essa história de que Jararaca teria sido levado para o cemitério, que teria cavado a própria cova e que teria sido enterrado vivo encontra no espaço cemiterial um ambiente propício a sua divulgação. Porém, é no túmulo, ou próximo a ele que a trajetória de Jararaca em Mossoró ganha força e significado, uma vez que a relação entre o que narrado e o lugar do morto, como marcação simbólica, o anuncia aos que transitam no cemitério. O túmulo é o local de convergência, tanto para os que se sensibilizam como para os que continuam a carregar em sua memória a imagem do cangaceiro atrelada a José Leite de Santana.

Quando se observa os comentários dos que mantêm algum tipo de relação simbólica ou se posicionam a respeito de com Jararaca, a piedade e a indiferença emergem como pólos distintos para a construção da memória sobre esse sujeito, e são fundamentais para a produção ou manutenção de discursos que caracterizam Jararaca como injustiçado ou servem para reafirmar suas ações no cangaço.

Foi no túmulo, no dia 02 de novembro de 2008, que encontrei, por volta das 05h00minh da manhã, Maria José Evangelista do Amaral, uma aposentada de 63, colocando flores e fazendo orações diante do túmulo de Jararaca.

Suas lágrimas e orações faziam com que os visitantes daquela ala do cemitério vissem nesse ato um ritual de agradecimento diante do túmulo de um homem, cuja memória oficial em torno dos acontecimentos que esteve envolvido (a invasão dos cangaceiros a Mossoró, em 1927) o coloca como um dos piores bandidos do nordeste brasileiro durante os anos de 1920.

Meses após, quando fui entrevistá-la em sua residência, Maria Evangelista comentou que foi por intermédio de sua mãe que tinha entrado em contato com a história de Jararaca.

*Ela conversava comigo sobre ele. Era assim, muito ignorante, que chegava a sacudir a criança. Dizia que ele sacudiu a criança pra cima e aparou na ponta da faca, mas ele se arrependeu. Ai eu dizia: mamãe como é que pode um homem fazer tanta maldade e acontecer isso, e ele se salvar?*

*Ai ela disse: É minha filha.*

*Mas eu tive um aperreio muito grande. Ai me apeguei com ele. (...) Ai eu comecei. Eu prometi a ele se eu alcançasse, eu acendia, enquanto eu fosse viva um março de vela na cova dele. Ai todo ano eu acendo. Ai quando não dá pra acender, às vezes eu sacudo dentro da fogueira.*<sup>11</sup>

A narrativa sobre Jararaca se dá por meio de uma memória de família. Escrevendo sobre esta questão, Myriam Moraes Lins de Barros afirma que “a importância do grupo familiar como referência fundamental para a reconstrução do passado advém do fato de a família ser, ao mesmo tempo objeto das recordações dos indivíduos e espaço em que essas recordações podem ser avivadas” (BARROS, 1989:33-34). Assim, a mãe de Maria evangelista, enquanto narradora das histórias sobre Jararaca, aparece na lembrança de sua filha caracterizando esse indivíduo de duas maneiras: a princípio, como um ser voraz, capaz de atitudes violentas diante dos indefesos (caracterização do bandido). No segundo, Jararaca é mencionado como um indivíduo que se arrepende do ato cometido, mas os indícios sobre as circunstâncias em que esse arrependimento ocorreu não aparecem, mas esse sentimento proporciona uma justificativa para a salvação do bandido.

Na construção da memória, as experiências do indivíduo e o lugar social que eles ocupam no presente influenciam na caracterização temporal e espacial do acontecimento, uma vez que a memória “é uma reconstrução do passado, a partir do presente, uma função psicológica do indivíduo, mas no processo social ela se constrói e se estrutura, através de ressonâncias que deriva das relações e vivências coletivas” (WHITAKER, 2005:05). Uma coisa é vivenciar o acontecimento outra é lembrá-lo anos depois. São por essas questões que ao lembrar das conversas que tinha (na infância) com sua mãe, Maria Evangelista quebra a linearidade temporal de seu relato

---

<sup>11</sup> AMARAL, Maria Evangelista do, 63 anos. Aposentada. Entrevista realizada no dia 22/05/2009 em sua residência, no bairro Santo Antônio em Mossoró.

quando lembra o questionamento feito a sua mãe sobre a possibilidade de Jararaca está salvo, mesmo sabendo que a vida de Jararaca foi marcada pela criminalidade no cangaço e depois de lembrar dessa passagem de sua infância comenta sobre o laço de reciprocidade que mantém com Jararaca.

Raimunda Gomes de Souza foi outra entrevistada que conheci no cemitério ascendendo suas velas e fazendo suas orações no dia de finados de 2008. Em seu relato diz que:

*Eu não fui criada nem com pai, nem com mãe, mas eu fui criada por meus avôs. Foi na Fazenda Santa Júlia, na época era a Fazenda Cipó. Eu morava com meus avôs, então eu trabalhava na enxada, pequenininha com meus oito, nove dez anos. Eu trabalhei muito em roça, nessas coisas. Meus avôs não deixavam eu passear, não deixavam eu ir pra canto nenhum. Eu era muito preza. Você sabe, esse povo muito antigo não deixava as filhas sair. Vixe, eu não saía pra canto nenhum, só era trabalhando. Minha infância foi essa. Católica, tudo da minha família era católico. Não estudei. Meus avôs nunca é que deixaram nós estudar. Só era trabalhando, só trabalhando na roça. Nunca estudei, mas meus avôs conversavam muito sobre ele, por que eles foram do tempo né. Foi no tempo que ele entrou aqui, eu mesma não conheci, por que eu não sou desse tempo, mas meus avôs conheciam e nós tínhamos muito medo. Ai tudo passou, passou, passou e eu me casei com Nenê. Ai eu já ouvia meu avô falar em Jararaca, nesse povo ai que eles tinham muito medo. Ai um dia eu só vivia indo pro cemitério, indo pro cemitério, eu mais Nova, eu sempre ia com minha irmã, a que morreu. Ai eu ia mais Nenê ascender às velas lá nas covas dos finados que já tinha morrido. Meu avô e minha avó já tinham morrido. Ai eu olhava pra cova dele, que não era como essa agora, era assim pobrezinha, e via aquela labareda de fogo só de velas. Ai eu cheguei assim e disse:  
- E o porquê disso? Isso é um homem ou é um menino.  
- Não, é Jararaca. Ah! A cova de Jararaca é aqui!<sup>12</sup>*

Ao buscar construir sua narrativa com os fragmentos que dispõe sobre o passado, mesmo que para tal considere os relatos de seus familiares como relevantes para a construção e afirmação das narrativas sobre os acontecimentos, “afinal, nossa rememoração do passado é informada pelo presente, pelas novas experiências acumuladas, pelas novas memórias” (MONTENEGRO, 2010:64). No caso de Raimunda Gomes, a narrativa apresenta todo um contexto, desde a infância com os avôs na fazenda, as histórias que estes contavam sobre o medo que a população local tinha dos cangaceiros, sobre a invasão a Mossoró e a respeito do túmulo de Jararaca. Nessas

---

<sup>12</sup> SOUZA, Raimunda Gomes de. 74 anos, aposentada. Entrevista realizada no dia 22/05/2009 em sua residência no bairro Santo Antônio na cidade de Mossoró.

circunstâncias, as memórias que aparecem no relato de Raimunda Gomes reforçam a idéia de que o narrador:

*Expressa em sua fala seu contexto ideal, pois traz de volta coisas perdidas no tempo. Ele as significa e as coloca em movimento como um mecanismo de compor pedaços de uma história que, ao ser vivida, demonstra a possibilidade de trazer dados que se conectam com o imaginário da época. Ao que tudo indica, o narrador diz de um mundo que ele construiu com cacos que restaram do passado.*

(FERREIRA; GROSSI, 2004:56)

Para Tereza Gomes dos Santos, aposentada e zeladora de túmulos há 30 anos no Cemitério São Sebastião,

*A história do cangaceiro Jararaca foi o seguinte: Ele foi baleado e ficou lá nas carnaúbas, passou um homem e ele mandou o homem comprar um remédio e no canto desse remédio, o homem trouxe a polícia. Aí ficou preso e sofreu muito. Dizem que ele foi enterrado vivo... Dizem que ele foi enterrado vivo. O túmulo dele era bem baixinho, uma coisinha pequena. Aí um homem de Caicó se apegou com ele, pois não arrumava serviço de jeito nenhum, tava parado. Aí pegou e se pegou e passou uma semana aí fazendo o túmulo dele. O túmulo é de cerâmica. Aí pronto. Um dia eu tava muito aperreada mesmo, não sabia o que fazia. Aí peguei no túmulo dele e me apeguei com ele. Aí apareceu o que eu pedi, e depois eu pedi de novo e fui atendida. Aí eu vou lá, lavo o túmulo dele, acendo vela, é muito bom.*<sup>13</sup>

Com esse relato, Tereza Gomes apresenta indícios de que a história sobre Jararaca é uma apropriação feita a partir da circulação das narrativas produzidas pelos memorialistas que escreveram sobre o acontecimento<sup>14</sup> e que o túmulo é o elo que liga os vivos a Jararaca, sendo espaço sagrado onde se pede e agradece. Outro ponto citado nessa fala diz respeito à possibilidade de Jararaca ter sido traído e enterrado vivo. Sobre essa traição o cordelista Concriz fez os seguintes versos:

(...)  
*Mas Jararaca ficou  
Não pode caminhar  
Debaixo de uma ponte*

<sup>13</sup> Tereza Gomes dos Santos, 79 anos. Aposentada. Entrevista realizada no dia 11/12/2009 em sua residência, no bairro Santo Antônio em Mossoró. Dona Tereza é uma das zeladoras que narra as histórias sobre o cangaceiro em Mossoró e sobre as visitas ao túmulo.

<sup>14</sup> Tanto Raimundo Nonato (Lampião em Mossoró), como Raul Fernandes (A Marcha de Lampião: assalto a Mossoró) comentam sobre a denúncia de que Jararaca estava no carnaubal, próximo a estrada de ferro.

*Um solitário lugar  
Aquele cabra valente  
Ficou a se lamentar.*

*Depois ele viu um velho  
Ali por perto rondando  
Apontou-lhe o parabellum  
Terminou não atirando  
Pois da ajuda do velho  
Estava necessitando*

*Ele disse: - Oh, meu velhinho  
Lhe peço que me ajude  
Me dê remédio e comer  
Para eu tirar fome e grude  
Eu lhe dou muito dinheiro  
Se você me der saúde. (SILVA, 2006: 04)*

A capacidade do cordelista em apreender as informações e leituras sobre o acontecimento e articula-las em versos, dando-lhe uma seqüência lógica e cronológica ao acontecimento, facilita a assimilação do fato. Tereza Gomes afirmou que nunca leu nada sobre a traição e morte de Jararaca, mas em seu relato especifica muito bem como os fatos aconteceram. Isso é possível, por que existem muitas formas da narrativa sobre Jararaca circular, entre elas o cordel.

*O velho disse: pois não  
Vou lhe atender com perícia.  
Em vez de ajudar mesmo  
O velho foi a polícia  
E sem ninguém perguntar  
Ele deu logo a notícia*

*Os soldados foram ver  
Jararaca pra cadeia  
Ele parecia um bicho.  
Com a cara muito feia  
Como quem diz “jamais pago  
As honras de filhas alheia”*

*Inda passou alguns dias  
Na prisão de Mossoró  
Dando entrevista ao jornal  
Todo inquirido de nó;  
Como ninguém encostava  
Vivia num canto só.*

*Foi morto enterrado  
Covardemente traído  
Com uma perna quebrada  
Sangrando sem dar gemido*

*Dizem que quem lhe matou  
Era muito mais bandido. (SILVA, 2006:05)*

Quanto aos versos, nota-se que o autor produz em seu diálogo uma caracterização dos indivíduos apresentados: Jararaca é citado como se fosse um bicho, perigoso e irredutível diante dos soldados, logo o indivíduo que o matou é revestido das mesmas características do bandido. A forma como o cordelista se posiciona sobre a prisão e morte de Jararaca, afirmando que foi covardemente traído nos leva a pensar na importância desse fato para a construção da memória que tem Jararaca como um injustiçado e milagreiro.

O relato de Francisco Martins de Souza cita a denúncia que resultou na prisão de Jararaca.

*Exatamente, inclusive, na época que eu estudava uma professora minha pediu um trabalho sobre ele. Agente leu um livro e contava essa mesma coisa sobre a morte de Jararaca. Contava que ele estava em baixo de uma bueira. Eu me lembro muito bem quando eu li o livro, dizia que ele tava em uma bueira e baleado e que ia passando uma pessoa, só que na leitura dizia que era um senhor, e que ele chamou essa pessoa e essa pessoa foi lá. Ele se identificou para essa pessoa que chamou direto a polícia.<sup>15</sup>*

Dos entrevistados, Francisco Martins foi o único que afirmou em seu relato que quando estudava na Escola Estadual Senador Duarte Filho entre os anos de 1977-78, tinha lido um livro que falava sobre Jararaca. Nesse período era grande a agitação em torno das comemorações da resistência mossoroense ao bando de Lampião. As escolas em parceria com a Prefeitura Municipal de Mossoró, organizaram as festividades do cinquentenário da resistência e motivavam a leitura e atividades escolares relacionadas a Invasão a Mossoró, essa temática já dispunha de duas publicações locais. Raimundo Nonato tinha publicado *Lampião em Mossoró* (1955) e Raul Fernandes, *A Marcha de Lampião: assalto a Mossoró* (1978), ambos narram, a partir da documentação jornalística, policial e da coleta de informações a partir das entrevistas concedidas pelos membros da força policial que combateu os cangaceiros em 1927, os diversos momentos da saga dos cangaceiros em Mossoró, desde as primeiras notícias de invasão

---

<sup>15</sup> SOUZA, Francisco Martins de. 56 anos, taxista. Entrevista realizada no dia 24 /05/2009 em sua residência no bairro Barrocas na cidade de Mossoró.

até as particularidades que envolvem Jararaca, como sua prisão e informações sobre sua morte.<sup>16</sup>

Os canais de circulação dessas narrativas são as visitas ao cemitério no dia de finados, nas apresentações teatrais ao ar livre (Auto da Liberdade e Chuva de Balas no País de Mossoró), as pesquisas feitas nas bibliotecas, as atividades pedagógicas nas escolas (apresentações teatrais, como as do Colégio Diocesano, na década de 1970), as visitas ao Museu Histórico Municipal jornalista Lauro da Escóssia, na construção dos monumentos para a comemoração da resistência mossoroense a invasão dos cangaceiros (O Memorial da Resistência), por meio dos cordéis e pelas narrativas orais no interior do espaço familiar. Todos esses meios e lugares encontram narradores que apresentam em suas falas as apropriações do que leram ou ouviram a respeito da vida e da morte de Jararaca.

---

<sup>16</sup> Quanto a prisão de Jararaca é citada nos dois livros. Raimundo Nonato utilizou a entrevista concedida pelo Dr. Eliseu Viana ao jornal *À República* (Natal – 1927), segundo Eliseu Viana, “só no dia seguinte foi encontrado o Jararaca, o qual ao receber um outro ferimento na coxa, abandonou o ataque e fugiu para o campo de futebol, conseguindo a muito custo chegar à noite à casa de um operário da Estrada de Ferro, a quem prometeu subornar para tratá-lo mediante pagamento. O operário prometendo ir muito cedo comprar os remédios necessários veio dar ciência ao Tenente Laurentino, indo a autoridade, com uma patrulha, buscar o bandido que assim deu entrada na cadeia, logo pelas primeiras horas da manhã de 14” (NONATO, 2005:213). Para Raul Fernandes, “as perdas de sangue e a fome minavam-lhe as forças. (...) aniquilado com o imprevisto, procurou abrigo. Continuou pelos trilhos, em direção à ponte, logo à frente. (...) o rio permitia vau, apenas nalgumas partes havia relativa profundidade. Segurando-se numa e noutra estaca conseguiu passa-lo. Sofregamente, matou a sede. Na outra margem, abrigados numa barraca de lona, aberta dos lados, dormiam os cassacos – Pedro Tomé, João Joaquim e o vigia da ponte, conhecido por Português. Despertaram chamados por um cabra, todo encharcado, com rifle às costas, punhal atravessado na cintura, e empunhando um parábélum. Pedía comida. Reclamava muita fome. Deram-lhe pedaços de rapadura e bolachas. Comeu gulosamente. Contou sua desdita. Prometeu bom pagamento pelos cuidados dispensados. Arranjaria dinheiro em Pernambuco. A Pedro Tomé deu quinhentos mil réis, solicitando que fosse comprar gaze, algodão, tintura de jucá e água oxigenada. Entregou certa importância a Português, a fim de adquirir alimento e pimenta malagueta para tratar os ferimentos. Presenteou-o com o anel de brilhantes, roubado no subúrbio de Mossoró. Em seguida, afastou-se do abrigo. Amoitou-se num capão de jaramataias frondentes, nas raízes de um barranco. Deitou-se na terra úmida, pouco confiante e suspeito, deixando as armas ao alcance da mão. (Essas informações foram colhidas por Raul Fernandes em entrevista a Pedro Tomé em 13-02-1962) Já era dia. Pedro foi à cidade. Na farmácia, desconfiaram do estranho pedido. Procurou então, o Tenente Laurentino de Moraes e narrou-lhe o ocorrido. (...) Chegou a Jararaca, fingindo naturalidade. Entabulou conversa. Largou os remédios ao lado. Convenceu a mudar as vestes enlameadas, tintas de sangue. Retirou-lhe as cartucheiras cruzantes do peito. Desabotoou-lhe a camisa. Ao tirá-la, o bandido soltou o parábélum. Rápido os cassacos apossaram-se das armas e gritaram pelos soldados. Jararaca abrasou-se. Debateu-se com palavras (FERNANDES, 2005.p. 230-232). Nos dois trabalhos a denuncia de Jararaca aos policiais perde o sentido de traição, pois conhecedores dos acontecimentos do dia anterior, estes homens não hesitariam em denunciar o cangaceiro. No trabalho de Raul Fernandes, os detalhes sobre as dificuldades encontradas por Jararaca para chegar à estrada de ferro e para manter contato com os homens que ali se encontravam não produzem o sentido de traição (deslealdade), mas de denuncia, uma vez que esses homens conheceram o sujeito pelo traje.

*Rapaz, eu já escutei duas versões: a primeira é que enterraram ele vivo no cemitério. A segunda, que deram uns tiros nele e mataram ele. Atiraram ele dentro da cova e quando ele tava morrendo, enterraram ele. Conversando, meu pai comentava muito sobre isso – que tinham enterrado ele vivo. Outras pessoas também falavam que tinham atirado ele na cova ainda vivo.*<sup>17</sup>

O cemitério, como espaço onde provavelmente ocorreu a morte de Jararaca e local onde as visitas e devoções são postas em prática, é muito mais que o espaço para a devoção, se configura como lugar de conflito entre os que vêem Jararaca como um criminoso sanguinário, que não merece perdão e os que se sensibilizaram com as narrativas sobre sua trajetória em Mossoró. Assim, as narrativas sobre as posturas dos cangaceiros diante das vítimas são marcas que merecem ser lembradas como forma de afirmar as ações desses sujeitos, mas isso perde força quando se comenta a sua trágica morte.

O medo da morte e de ser enterrado vivo se mantém no imaginário e suscita discussões sobre as novas atitudes do homem diante da morte, mas escrevendo sobre a origem do medo da morte no século XIX, Philippe Ariès comenta que “efetivamente, existe uma ponte entre os dois mundos, que é o medo de ser enterrado vivo e a ameaça da morte aparente” (ARIÈS, 2003:157). Essas preocupações fazem parte do imaginário e contribuem na produção de memórias sobre esses sujeitos, daí a existência de práticas devocionais em cemitérios.

A presença das pessoas que freqüentam o túmulo de Jararaca é intensa durante o dia de finados. Para Carmelita Almiranda, está diante do túmulo de Jararaca é estar feliz.

*Sinto uma alegria, muito amor perto dele ali. Quando vou pra o túmulo parece que é um milagre em cima de mim. Eu tenho muita fé nele, mesmo sem saber quem foi ele. Eu vou para o túmulo dele e me sinto bem e peço milagre pra mim. Nunca pedi nada pra ele pra não ter sido valida, graças a Deus até hoje. E ele vai fazer muito mais pra mim. Desde que cheguei aqui eu vou lá.*<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> SOUZA, Francisco Martins. Entrevista realizada no dia 24/05/2009.

<sup>18</sup> PERREIRA, Carmelita Almiranda. 54 anos, doméstica. Entrevista realizada no dia 18/12/2010, em sua residência no bairro Belo Horizonte na cidade de Mossoró.

Esse estado de êxtase que Carmelita Almiranda sente no túmulo de Jararaca é interessante, primeiro pelo próprio ritual que é feito até a chegada ao túmulo: pensar nas rezas, nas velas, nos agradecimentos e nos próximos pedidos. Carmelita Almiranda diz que não conhece as histórias sobre Jararaca, nem quando este era cangaceiro do bando de Lampião. Carmelita só manteve contato com as narrativas que apresentam Jararaca como fazedor de milagres.

*Agente morava lá no sertão. Aqui agente já mora no que é dá gente! Agente não tem ganho que preste, mas agente vai levando a vida até Deus melhorar. O negócio é ter fé em Deus. Já tenho meu ranchinho pra morar. Não tem coisa melhor, né! Agora, trabalho tá faltando aqui pra eu e ele (marido). Ele tem idade de se aposentar, mas ela ainda não chegou. E eu também tô pelejando, mas ainda não chegou, mas tá bom. Quando cheguei aqui em Mossoró uma pessoa que falou que a cova de Jararaca passava muito na televisão. Que ele fazia milagre e que ajudava a muita gente. Aí eu peguei e fui lá. Aí pronto todos os anos eu vou lá, mas antes disso se eu precisar eu vou. Comecei ir lá. Quando pensa que não, eu estava lá acendo uma vela pra ele. Quando chega perto do dia de finados já vou me lembrando. Na hora que vou para o cemitério, vou direto pra lá. Tudo que peço eu alcanço, até hoje, eu alcanço. Graças a Deus. Nunca pedi nada a ele que não foi com fé.<sup>19</sup>*

Cearense, de Tabuleiro do Norte, Carmelita Almiranda chegou a Mossoró em 1970. Veio em busca de dias melhores com o esposo, e logo se deparou com as narrativas sobre Jararaca. Em seu relato cita momento da vida do sertão, a dificuldade de conseguir moradia própria, as dificuldades financeiras do dia a dia. Quando cita o contato que manteve com Jararaca é como se ele tivesse se transformado, naquele momento, em seu protetor, pois recém-chegada do Ceará, sem nenhum parente próximo e passando dificuldade e sem saber sobre o passado de Jararaca, Carmelita Almiranda passa a manter contato com o túmulo e o transforma em mais um dos espaços que poderia visitar em Mossoró. É nesse trânsito de ouvir a narrativa e ir ao túmulo que esses sujeitos constroem sua relação com Jararaca e após a primeira visitação, a experiência no túmulo de Jararaca modifica o próprio trajeto das visitas futuras.

Francisca de Oliveira Sinésio comenta que visita o túmulo de Jararaca por que tem “pena dele por aquela morte muito trágica dele. Mataram ele. Dizem que ele não tinha morrido direito. Ai me dá aquela pena né! Ai cada vez que eu vou ao cemitério, eu vou à cova de mãe, de pai e eu tenho que passar na cova dele, toda vida.<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> Idem.

<sup>20</sup> SINÉSIO, Francisca de Oliveira. 48 anos, doméstica. Entrevista realizada no dia 29/12/2010 em sua residência no bairro Aeroporto II, na cidade de Mossoró.

Visitado durante o dia de finados, o túmulo de Jararaca é a construção fúnebre que mais atrai as atenções dos curiosos durante o dia 02 de novembro no cemitério São Sebastião. Muitos passam em frente ao túmulo por curiosidade e escutam as narrativas sobre Jararaca. Histórias de que Jararaca tinha suplicado aos soldados para não matá-lo, de que quebraram suas pernas e que o mesmo cavou sua própria cova e que fora enterrado vivo. Existe a narrativa de que todo o ano o túmulo racha, sendo que muitos acreditam que é Jararaca querendo sair de sua prisão. Dessa forma, as atenções no cemitério estão voltadas ao túmulo de Jararaca, com seus pedintes, curiosos e inconformados com tal prática.

As narrativas sobre a vida de Jararaca e a construção das devoções em torno da imagem de Jararaca como milagreiro nos faz pensar o túmulo como espaço simbólico para a produção e divulgação das memórias sobre Jararaca. Percebe-se que os comentários feitos pelos zeladores de túmulos na ala central do cemitérios sobre a história de Jararaca e localização de seu túmulo são marcantes no dia de finados. É como se esses sujeitos estivessem a serviço da divulgação do túmulo e seus comentários chamam a atenção dos que circulam no cemitério a ponto de muitos, por curiosidade, visitarem o túmulo, que por sua vez anuncia o morto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. – Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. *Memória e Família*. In: Estudos Históricos: Memória. Rio de Janeiro, vol.2, nº. 3, 1989.

BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. *Assim na Morte como na Vida: Arte e Sociedade no Cemitério São João Batista (1866-1915)*: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e Desporto, 2001.

CATROGA, Fernando. *O Céu da Memória: cemitério e culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911)*. Coimbra: Livraria Minerva Editora, 1999.

FERNANDES, Raul. *A Marcha de Lampião: assalto a Mossoró*. 6ª. Ed. Mossoró. – Fundação Vingt-Un Rosado. 2005.

FERREIRA, Amauri Carlos. GROSSI, Yonne de Souza. *A narrativa na trama da subjetividade: perspectivas e desafios*. In. História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral, n. 7. – São Paulo: 2004.

FREIRE, Dorian Jorge Freire. *Meeting. n.º 1, 2 e 3. Julho, Setembro e Outubro de 1953.* Coleção Mossoroense. Série A. n.º. 44. 1991.

LOWENTHAL, David. *Como Conhecemos o Passado.* Projeto História: trabalhos da memória. n.º. 17. nov. 1998.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História, metodologia, memória.* – São Paulo: Contexto, 2010.

MOTTA, Antônio. *Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros.* Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 24. n.º. 70. São Paulo. Out. 2009.

NONATO, Raimundo. *Lampião em Mossoró.* Fundação Guimarães Duque. – Mossoró. 2005. – Coleção Mossoroense. Série C.n.º 1488

OLIVEIRA, Antônio Marcos de. NETO, Joaquim Batista. *Atas da Câmara Municipal de Mossoró- 1879-1880.* Mossoró: Coleção Mossoroense. 2000.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.* – São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SILVA, José Antônio da. *Jararaca Arrependido porque matou um menino.* Mossoró. – Queima-Bucha. 2006. (Cordel)

SOUZA, Francisco Fausto de. *História de Mossoró.* – 2. ed. – Mossoró: Fundação Vingt- un Rosado, 1995.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. VELÔSO, Telma Maria Grisi. (orgs.) *Oralidade e subjetividade: os meandros infinitos da memória.* – Campina Grande: EDUEP, 2005.